

A letra e a Seca: os ABC's do cordel nas memórias do sertão.¹

Kênia Sousa Rios

Professora do Departamento de História da UFC

RESUMO: O presente texto reflete sobre algumas conexões entre a memória oral e o mundo letrado. Trata-se de uma abordagem que tenta perceber como as letras, mais precisamente como o alfabeto participa da narrativa de vidas que estão entre o oral e o escrito.

PALAVRAS-CHAVE: memória oral, seca, cordel, ABC's.

ABSTRACT: This article establishes connections between oral memory and the writing. This perspective tries to observe how the alphabet is present in the oral narratives and the *cordel* literature.

KEYWORDS: oral memory, dry, cordel, ABC's.

*"lá no meu sertão pro caboclo ler
tem que aprender um outro ABC"*

ABC do Sertão, Luiz Gonzaga / Zé Dantas

Para os sujeitos que participam da crença na escritura, as letras constituem um espaço de poder, mesmo que seja para manipulá-lo pela força da memória oral. Muitos sertanejos que entrevistei ao longo do doutorado apresentaram os ABC's como forma de constituir as memórias sobre a seca e sobre a vida. Nas entrevistas e cordéis coletados durante a pesquisa, havia de fato tal recorrência. Mais uma vez a pesquisa sobre as memórias da seca no Ceará me encaminhava para o território conflituoso entre o oral e o escrito. Nesta ocasião, o mote era o alfabeto e os ABCs.

Nos ABCs do cordel a temática percorre todo o alfabeto, versando o assunto letra por letra. É uma trama que se urde entre a oralidade e a escrita. Estas narrativas se apresentam respeitando o conjunto de códigos primários

no aprendizado da escritura, ou seja, as 23 ou 26 letras que formam qualquer palavra.

Conhecendo o alfabeto, o indivíduo começa a ser integrado ao universo das letras. Tal inquietação me fez retornar às fontes (orais e escritas) procurando perceber como se estruturam os “versos abecedados”. O que se podia perceber da conexão letra e voz apresentada nesses versos?

Em 1996, realizei uma entrevista e depois não soube bem o que fazer com ela. Finalmente havia chegado o momento de tirar a poeira da fita e ouvir novamente as palavras do Pai Gomes.

A entrevista com Pai Gomes foi gravada quando estava em busca de informações sobre a seca de 1932, no município de Ipu. Alguns moradores da cidade mencionaram um senhor que, segundo eles, tinha muitas respostas sobre o assunto da pesquisa. Tratava-se de um homem centenário que morava longe da cidade, em casa localizada no meio de um sítio, rodeada por bichos. Com ele moravam um filho e a nora. Um dos olhos fora vencido pela catarata e ele procurava me ver retorcendo o pescoço para o lado que ainda enxergava. Segurava um cajado improvisado por um pedaço de madeira já polido pelo contato com as mãos.

Quando pedi para ele falar suas memórias daquele ano de 1932, achou melhor que eu ouvisse o poema do soldado francês que, aliás, durou quase oito minutos de uma narrativa impecavelmente recitada. Destaque para o sotaque afrancesado firmemente incorporado durante a declamação dos versos, que retratava a vida de um soldado francês em viagens pelo mundo. Sentado numa cadeira com acento de couro de boi, Pai Gomes lapidava sua pronúncia enquanto gesticulava o braço livre do cajado. Possivelmente já recitara tal poema uma centena de vezes para grupos de ouvintes. Aquela memória colocava-se não apenas nos versos, mas também na postura do corpo, desenhando um tempo e um espaço da oralidade.

Concluído o poema, insisti nas lembranças da seca de 1932 e Pai Gomes continuou seu “espetáculo”. Começou, então, a recitar o ABC da seca. Apresssei-me para gravar, pois ele deu início sem avisar. Na hora de transcrever, algumas letras foram salteadas, já que, no momento em que Pai Gomes declamava o ABC, sem esperar que a letra G fosse anunciada, um Galo resolveu cantar e com isso, algumas letras não foram ouvidas. Não foi recitado o “U”. Quando perguntei por essa letra, nosso narrador afirmou que aquela letra não existia.

Transcrevo, portanto, o ABC da seca de 1915, apresentado por Pai Gomes aos seus 101 anos:

A- adeus, povo cearense
meus caros amigos adeus
recorremos na memória
os clamores que sofremos
em 1915 clamores que padecemos.

B- bondade não pode haver
naqueles tempos de horror...

E- enquanto os pobres humilhados
não tinham consolação
já pediam a Jesus Cristo
e à Virgem da Conceição
que lhe dessem um intuito
de uma boa contrição.

F- foi um só ano de seca
mas muita gente morreu
tempo tão horroroso
como aqui nunca se deu
uma extremidade dessas
o Ceará nunca sofreu.

G- governo não se falava
aqui para o nosso Estado
quase que se acaba tudo
à falta de um bocado
somente por não haver
na corte um rei coroado.

H- homens grandes tinham muitos
mas eram sem piedade
faltava aquele que sempre
usava da caridade
porém os poderes de Deus
rebatiam a crueldade.

I- infernos tiveram uns poucos
espalhados no sertão
as estradas de rodagem
e açudes no salão
que os pobres buscavam eles
pra escapar da precisão.

J- juntamente sempre vinham
em numerosa quantidade
os famintos derramando
sua lágrima pela estrada
os filhos chorando com fome
e as mães de dores passada.

K- kuiu ali sobre a terra
pessoa de qualidade
sem ânimo para coisa alguma
só pela necessidade
porém trazia no seu coração
amor com a divindade.

L- lamentava Jesus Cristo
nesse horroroso tempo
de tão fortes padeceres
de tão grandes sofrimentos
pedindo consolação
ao Santíssimo Sacramento.

M- muita gente de hoje em diante
traz isso bem decorado
nunca mais sai do sentido
lembranças do passado
da grande devoração
que se deu em nosso Estado.

N- na verdade meus amigos
em nossa pátria natal
um ano como esse 15
nunca se viu outro igual
porém foi determinado
pelo Deus do tribunal.

O- orrível sem domicílio
estava o povo brasileiro
se tinha qualquer recurso
traziam mais prisioneiro
mais quando entrou a seca do 15
foi mesmo que um cativo.

P- pegou grandes e pequenos
botou tudo em uma altura
cortou a ponta da língua
de algumas criaturas
botou para o sofrimento
gente de boa figura.

Q- quando caíram no chicote
do 15 velho falado
logo aí abriram os olhos
que estavam vivendo errado
pois nosso Pai Celeste
não trai ninguém enganado.

R- rogamos a Deus do céu
filho da Virgem Maria
que nos queira perdoar
os pecados que cometíamos
para ver se alcançamos
o reino de alegria.

S- setenta e sete que foi
três anos de sequidão
oitenta e oito também
que foram dele irmãos
mas como a seca do 15
não teve comparação.

T- trezentos contos de réis
veio para nos socorrer
em 1915
assim ouvimos dizer.

V- veio esse dinheiro todo
aqui para o nosso Estado
mas em nossa capital
foi ele inventariado
talvez que os inventariantes
ficassem com um bocado.

X- xarope de amargura
os brasileiros bebiam
obrigando a natureza
para ver se não morriam
caindo no cativoiro
dos trabalhos que haviam.

Z- zombando estavam os grandes
daqueles mais atrasados
porém o 15 anunciou
a muitos homens ilustrados
devorou suas riquezas
e acabou-se esse fardo.”

A cultura oral em versos é capaz de fazer estrofes rimadas respeitando a seqüência determinada pela ordem dos signos alfabéticos. Trata-se de um alfabeto inscrito na memória que não conhece ou pouco conhece a grafia. A identificação imediata se dá com os sons da língua e, nesse caso, “orrivel” pode começar pela letra O, assim como o K introduz o verbo “Kaiu”. Em outros exemplos, o K pode ser “kaboclo”, “kalendário”, “kuan-do”. “Xoveu” pode começar com X, bem como “Yluminados” pode garantir a presença da difícil letra Y.

Contudo, quando o poeta mantém maiores ligações com o mundo letrado e não consegue uma palavra com as letras mais difíceis, tematiza a própria dinâmica do alfabeto e suas complexidades. No ABC do cachaceiro, José Costa Leite assim resolve sua peleja com o K e o Y:

“K- K a nova fonética
Dispensou do alfabeto
Entre as 25 letras
Ela perdeu seu afeto
Não dá pra este ABC
Mas fiz o verso completo.

Y- Y é outra letra
Que perdeu a sua vez
Porque nosso alfabeto
Resta agora 23
Pela modificação
Que a nossa fonética fez.”

Neste desafio, nenhuma letra pode render o poeta. A ordem das letras deve ser enfrentada de qualquer maneira. A temática da cachaça é ligeiramente abandonada e o espaço é preenchido com algumas considerações sobre a própria estrutura do alfabeto, ou melhor, sobre o valor da letra difícil, negada pelo seu lugar de existência – o alfabeto. Afinal, só no alfabeto as letras existem enquanto tais. Quando dali saem, transformam-se em palavras, frases, poesias, romances, contos.

A aproximação dos cordelistas com as letras já começa na própria tipografia. Até hoje, existem cordéis que são formatados por “tipos”, feitos letra a letra, em seguida guardados em seus respectivos lugares definidos por letras-tipos. Percebe-se um envolvimento com a materialidade da letra. Antes mesmo de ir para o papel, ela é um objeto potente na produção do material impresso. A coisa letra se coloca na mão do artesão que paciente-mente se transforma em uma peça do prelo, para então virar texto impresso. No caso do computador, as letras ganham um corpo mais efêmero, sem presença afetiva.

Voltando ao Pai Gomes, é interessante observar que a memória guarda esses poemas com um tipo de erudição no ato de recitá-los. Antes de iniciar a declamação dos versos, ele falava um português arrastado, capenga, com erros de concordância. A sua oralidade mais cotidiana não se prendia às normas cultas; entretanto, o ABC é recitado com ares de nobreza. Os SS e RR foram todos muito bem pronunciados. A gramática foi apresentada sem vacilos: “que Deus nos queira perdoar os pecados que cometíamos”. Mas tal performance não parte senão de um exercício da memória e, por isso mesmo, ressaltam os princípios religiosos fortemente presentes na tradição oral. A gramática, aqui, nada tem a ver com os bancos escolares, mas com uma cultura marcada pela oralidade, capaz de memorizar frases difíceis para não comprometer o que mais importa na fala: reunir um público para ser ouvida.

Se não for sedutora, a palavra falada não cumpre sua missão. Neste caso, quanto mais diferente da fala cotidiana, mais espetacular, pois gesta o que estranha e fascina. O desafio é congregar orador e ouvinte em um mesmo tempo, conquistado pelo movimento da sedução performática. Por isso a proeza do narrador não é para qualquer um.²

No caso dos ABCs em que o alfabeto é ressaltado como um núcleo apreciado pelos poetas orais, não há um tempo que começa no A e termina no Z. Para esses autores, que guardam íntima relação com as artimanhas da oralidade, o mundo não começou com as letras; antes, a história já existia. Grande parte dos ABCs não começa no A e tampouco termina no Z. É um

tempo que transborda a ordem do próprio homenageado; no caso em questão, o alfabeto. Antes do A, portanto, pode haver uma apresentação:

“Prezado leitor amigo
Vou agora descrever
Em regra de sete linhas
A forma de um ABC
Sobre algumas criaturas
De qualidade escura.”
(Enoque Pinheiro, *ABC dos negros*)

Depois do Z o autor continua a sua história:
“Leitor eu sou da Paraíba
Um seu filho ou um seu membro
Cria nasci no sertão
Eu sei afirmo, me lembro
Nasci lá em vinte e sete
A dezoito de dezembro.”
(Gerson Lucena, *ABC da Justiça*)

Não importa apenas o que é falado, e sim como está sendo falado, narrado, recitado, declamado ou mesmo registrado nos folhetos de cordel. Nesse caso, é o formato que indica mais visivelmente a tensão entre o oral e o escrito. Os ABCs compõem um formato significativo para a construção das interpretações expostas até aqui. Nestas formas em que as letras ganham força separadamente, observo as peijas travadas entre oralidade e escritura na experiência de certos indivíduos.

A cultura oral presente em tais cordéis deposita crença na ordem alfabética. Ainda que a maioria dos “cordelistas” seja letrada, tais ABCs ancoram-se no tempo da palavra falada, estabelecendo uma ambígua relação com a escrita – uma ligação que exalta as letras-, e ao mesmo tempo fazem isso em nome, também, da oralidade.

Em certo sentido, somente um olhar enredado na oralidade apresentaria o alfabeto de maneira tão performática. No caso dos ABCs, a experiência oral lembra que as palavras são formadas por letras e que tais signos possuem um lugar onde a ordem impera. Detalhes não muito visíveis para os que vivem da escrita.

Na aventura de pensar o alfabeto a partir dessas vivências na oralidade, uma pequena frase do texto de Emile Cazade e Charles Thomas, sobre a criação do alfabeto latino, ecoou com precisão dentro da pesquisa dos

ABCs da oralidade: “saber ler é deixar de ver a letra...”³ Pensando de modo inverso, eu poderia dizer que a maior intimidade com o mundo oral leva a uma apreciação dos tais signos na solidão de serem letras.

Os signos mortos ganham vida no jogo de desafiar o próprio signo. Nestas peijas, as letras são despertas numa reverência que ressalta a ordem alfabética como adversária do poeta. Ao mesmo tempo, esta se coloca como uma espécie de objeto do desejo, negado e reafirmado pela oralidade dos versos de cordel na forma dos ABCs. São também amostras de como esse tipo de oralidade desafia o que há de mais ordenado e supremo no mundo escrito – o alfabeto. Nos ABCs do sertão, a memória oral cria movimentos que brincam com o mundo escrito.

Em alguns casos, o poeta não se contenta em apresentar a letra em destaque somente na primeira palavra, mas em quase todas as palavras que iniciam o verso da estrofe. Exemplo disso é o que faz Gerson Lucena no ABC da Justiça:⁴

“A- Assassino arruaceiro
Aluno da jogatina
Amigo das coisas alheias
Assaltador de esquina
Ou tu deixa essa má vida
Ou a justa te ensina”.

Segundo Câmara Cascudo,⁵ existem registros dos abecedários desde o ano de 393, quando Santo Agostinho compôs uma poesia contra as dinastias seguindo este gênero. Tal poesia ficou conhecida *Psalmus Abecedarius*. No Brasil, o primeiro de que se tem notícia é o ABC da batalha de Ituaingó e data de 1827.⁶

A idéia de ressaltar a matriz do mundo escrito demonstra o poder que estes primeiros textos queriam impor. É antes de tudo uma batalha entre os que detinham as letras e os outros. Possivelmente, é também uma forma de reafirmar a novidade da escrita para os muitos “ignorantes” que habitavam estas terras e que somente tiveram acesso aos respectivos textos através da leitura oral. Convém lembrar que também a hegemonia do mundo escrito não se deu de forma pacífica. Nos escritos atribuídos a Sócrates, se coloca o seguinte incômodo: “a escrita destrói a memória... e enfraquece a mente”.⁷

Mesmo considerando que o próprio Sócrates possa ser uma criação literária, tivesse ele a oportunidade de conhecer o sertão do Ceará iria ficar satisfeito com a frustração de sua inferência. Até os grupos e pessoas que

depositam fé no mundo escrito, confirmam a força da memória pelo milagre da oralidade. Patativa do Assaré é um dos representantes mais legítimos dessa crença. Como salienta Gilmar de Carvalho, “a escrita de Patativa não foi capaz de trair sua voz”.⁸

Em um dos desafios que Patativa fez ao seu neto para compor glosas,⁹ os dois chegaram na hora e lugar marcados. “Geraldo chegou com sua caderneta de anotações, Patativa, arrogante, exibida, como único aparato, sua memória”.¹⁰ Esse é o instrumento que o torna diferente dos outros. Soletira o mundo com o olhar de quem enxerga não só as letras, mas também o movimento dos bichos, das plantas, dos rios, das pessoas e da voz. Patativa brinca com o alfabeto em face dos temas que muitos só conhecem de leituras que não enxergam mais as letras. Entre muitos alfabetos, elaborou um sobre a seca no Nordeste. Intitula-se o ABC do Nordeste Flagelado:

“A- ai como é duro viver
nos estados do Nordeste
quando o nosso pai celeste
não manda a nuvem chover,
é bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro.

B- berra o gado impaciente
reclamando o verde pasto,
desafigurado e arrasto
com o olhar de penitente
o fazendeiro descrente
um jeito não pode dar
o sol ardente a queimar
e o vento forte soprando,
a gente fica pensando
que o mundo vai se acabar.

C- caminhando pelo espaço
como os trapos de um lençol
pras bandas do pôr-do-sol
as nuvens vão em fracasso;
aqui e ali um pedaço
vagando... sempre vagando
quem estiver reparando
faz logo a comparação
de umas pastas de algodão
que o vento vai carregando.

D- de manhã, bem de manhã,
vem da montanha um agouro
de gargalhada e de choro
da feia e triste cauí
um bando de ribança
pelo espaço a se perder
pra de fome não morrer
vai atrás de outro lugar
e ali só há de voltar
um dia quando chover.

E- em tudo se vê mudança
quem repara vê até
que o camaleão que é
verde da cor de esperança
com o flagelo que avança
muda logo de feição
o verde camaleão
perde a sua cor bonita
fica de forma esquisita
que causa admiração.

F- foge o prazer da floresta
o bonito sabiá
quando o flagelo não há
cantando se manifesta
durante o inverno faz festa
gorgeando por esporte
mas não chovendo é sem sorte
fica sem graça e calado
o cantor mais afamado
dos passarinhos do norte.

G- geme de dor, se aquebranta
e dali desaparece
o sabiá só parece
que com a seca se encanta
se outro pássaro canta
o coitado não responde;
ele vai não sei pra onde,
pois quando o inverno não vem
com o desgosto que tem
o pobrezinho se esconde.

H- horroroso, feio e mau
de lá dentro das grotas
manda suas feias notas
o tristonho bacurau
canta o João corta-pau
o seu poema numério
é muito triste o mistério
de uma seca no sertão
a gente tem impressão
que o mundo é um cemitério.

I- ilusão, prazer, amor
a gente sente fugir
tudo parece carpir
tristeza, saudade e dor
nas horas de mais calor
se escuta pra todo lado
o toque desafinado
da gaita da siriema
acompanhando o cinema
no Nordeste flagelado.

J- já falei sobre a desgraça
dos animais do Nordeste;
com a seca vem a peste
e a vida fica sem graça.
Quanto mais dias se passa
mais a dor se multiplica
a mata que já foi rica,
de tristeza geme e chora
preciso dizer agora
o povo como é que fica.

L- lamenta desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez
mas não lucrou seu roçado
num banco velho sentado
olhando o filho inocente
e a mulher bem impaciente
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou pra semente.

M- minha boa companheira
diz ele, vamos embora,
e depressa, sem demora
vende a sua cartucheira
vende a faca, a roçadeira
machado, foice e fâcão
vende a pobre habitação
galinha, cabra e suíno
e viajam sem destino
em cima de um caminhão.

N- naquele duro transporte
sai aquela pobre gente
agüentando paciente
o rigor da triste sorte
levando a saudade forte
de seu povo e seu lugar
sem nem um outro falar
vão pensando em sua vida
deixando a terra querida
para nunca mais voltar.

O- outro tem opinião
de deixar mãe, deixar pai
porém para o sul não vai
procura outra direção
vai bater no Maranhão
onde nunca falta inverno
outro com grande consterno
deixar o casebre e a mobília
e leva sua família
pra construção do governo.

P- porém lá na construção
o seu viver é grosseiro
trabalhando o dia inteiro
de picareta na mão
pra sua manutenção
chegando o dia marcado
em vez do seu ordenado
dentro da repartição
recebe triste ração
farinha e feijão furado.

Q- quem quer ver o sofrimento,
quando há seca no sertão
procuram uma construção
e entra no fornecimento
pois, dentro dele, o alimento
que o pobre tem a comer,
a barriga pode encher
porém falta a substância
e com esta circunstância
começa o povo a morrer.

R- raquítica, pálida e doente,
fica a pobre criatura
e a boca na sepultura
vai engolindo o inocente
meu Jesus! Meu pai Clemente
que da humanidade é dono
desça de seu alto trono
da sua corte celeste
e venha ver seu Nordeste
como ele está no abandono.

S- sofre o casado e o solteiro
sofre o velho, sofre o moço,
não tem janta, nem almoço
não tem roupa nem dinheiro
também sofre o fazendeiro
que de rico perde o nome
o desgosto lhe consome
vendo o urubu esfomeado
puxando a pele do gado
que morreu de sede e fome.

T- tudo sofre e não resiste
este fardo tão pesado
no Nordeste flagelado
em tudo a tristeza existe
mas a tristeza mais triste
que faz tudo entristecer
é a mãe chorosa a gemer
lágrimas dos olhos correndo
vendo seu filho dizendo:
mamãe eu quero comer.

U- um é ver, outro é contar
quem for reparar de perto
aquele mundo deserto
dá vontade de chorar
ali só fica a teimar
o juazeiro copado
o resto é tudo pelado
da chapada ao tabuleiro
onde o famoso vaqueiro
cantava tangendo o gado.

V- vivendo em grande maltrato
a abelha zumbindo vôa
sem direção, sempre atôa,
por causa do desacato
a procura de um regato
de um jardim ou de um poema
vagando constantemente
sem encontrar a inocente
uma flor para pousar.

X- xexéu, pássaro que mora
na grande árvore copada
vendo a floresta arrasada
bate as asas, vai embora
somente o saguim demora
pulando a fazer careta
na mata tingida e preta
tudo é aflição e pranto
só por milagre de um santo
se encontra com a borboleta.

Z- zangado contra o sertão
dardeja o sol inclemente
cada dia mais ardente
tostando a face do chão
e mostrando compaixão
lá do infinito estrelado
pura, limpa, sem pecado
de noite a lua derrama
um banho de luz no drama
no Nordeste flagelado.

Posso dizer que cantei
Aquilo que observei
Tenho certeza que dei
Aprovada relação
Tudo é tristeza e amargura,
Indigência e desventura
Veja leitor, quanto é dura
A seca no meu sertão.

A lembrança do Pai Gomes me fez traçar este olhar sobre os ABCs do sertão. A fé nas letras não inibe a crença na força que produz os encantos da voz. Pai Gomes e Patativa proclamam a vida da memória. As histórias do mundo escrito servem de mote para suas novelas, e as tramas e tramóias da vida geram boas histórias para serem contadas, ouvidas e até escritas.

A devoção que esses indivíduos estabelecem com o mundo letrado se conecta ao entendimento de que essa é uma dimensão que gera poder. A ligação com o letramento se dá mesmo que o indivíduo seja um iletrado. Os indivíduos que se localizam entre o oral e o escrito constroem uma consciência própria em face da legitimidade do alfabeto. Mas a força da memória só pode se materializar através da voz porque é nela que a potência do improvisado se manifesta, afinal, viver é uma arte e improvisar faz parte.

NOTAS

- ¹ Este texto é parte da tese de doutorado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP defendida em maio de 2003 com o título *Engenhos da Memória: narrativas da seca no Ceará*.
- ² Voltamos à idéia de Paul Zumthor sobre a performance na tentativa de explicar ainda melhor esse conceito fundamental no estudo da tradição oral. Em um outro texto, Zumthor explica que “quando a comunicação e a recepção coincidem no tempo, temos uma situação de performance.” (ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 19.)
- ³ CAZADE, Emile; THOMAS, Charles. Alfabeto. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa do Moeda, v. 11, 1987, p. 179.
- ⁴ CANTEL, Raymond. *La littérature populaire brésilienne*. Poitiers: Centre de Recherches Latino-américaines, 1993. 301.
- ⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Diccionario do folclore brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1998, p. 38.
- ⁶ Idem.
- ⁷ ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. São Paulo: Papyrus, 1998, p. 94.
- ⁸ CARVALHO, Gilmar de. Brincando de poesia. In: ASSARÉ, Patativa do; ALENCAR, Geraldo Gonçalves de. *Ao pé da mesa: motes e glosas*. São Paulo: Terceira Margem; Fortaleza: Secult-CE, p. 14.
- ⁹ Dois poetas se desafiam mutuamente para versejar de improviso estrofes que seguem uma métrica definida por ambos. Cada um sugere um mote ao outro, que deve imediatamente compor sua glosa rimando metricamente com o mote sugerido, que será a última frase da estrofe.
- ¹⁰ CARVALHO, op. cit., p. 16